

Bullying - um obstáculo na vida e na aprendizagem

André Luiz Moraes Ramos

Doutor em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano - UNISAL

Anne Elyse Souza Barboza

Graduada em Letras/ Inglês pelas Faculdades Integradas Teresa D'Ávila – FATEA e aluna de Psicopedagogia pelo Centro Universitário Salesiano - UNISAL

Resumo

Este trabalho tem como foco um tema muito em voga nos últimos tempos, o bullying. Este fenômeno tem sido um tema muito abordado na mídia ultimamente, por ter se tornado algo recorrente e que não é estendido somente às escolas, porém é nela que ocorre o maior grau de incidência. Porém, muitos de nossos futuros e até mesmo aqueles professores que já lecionam, desconhecem não só a terminologia, mas como o fenômeno em si, julgando-o banal e desnecessário para se preocuparem. O trabalho traz através dos estudos bibliográficos atuais, a problematização do fenômeno, seus conceitos, e suas principais vítimas, conta com o auxílio de pesquisa de campo que revela o fenômeno em seu contexto, permitindo que localizemos os graus e traumas através da análise de fatos concretos e experiências pelas alunas vividas.

Palavras-chave

Bullyin;, Vítimas; Agressores; Saúde mental

Abstract

This study has as focus a theme much in vogue in the last times: the bullying. This phenomenon has been very surrounded at media recently for becoming something appellant and it's not extended just at schools, but it's inside of it that happens its bigger degree of incidence. However, many of our future teachers or even that ones who already teach don't know not only the term but the own phenomenon, judging it as trivial and unnecessary to worry about. The work brings through current bibliographies studies, the phenomenon's problem, its concepts and the main victims. It counts with auxiliary research that reveal the phenomenon in its context permitting we locate the degrees and traumas through the analyses of concrete facts and experiences lived for the students.

Key-words

Bullying; Victims; Aggressors; Mental health

Introdução

A agressividade sempre esteve presente em nosso dia a dia, mas não da forma contundente com que tem se mostrado. A violência entre escolares pode não ser de hoje, contudo só nesses últimos tempos seus danos têm se apresentado de maneira perceptível, tamanho grau atingido. Ela é referida neste artigo como fenômeno *bullying*, como é chamado em inúmeros países. Nenhuma das escolas está livre desse fenômeno, pois ela atinge tanto os alunos das escolas particulares quanto dos alunos das públicas. As vidas de todos os envolvidos são deterioradas e podem ter transformados também seus futuros, trazendo grandes resquícios do tratamento sofrido ou traumas que impeçam seu real desenvolvimento.

O intuito desse trabalho é viabilizar o conhecimento dos profissionais da área de ensino para seu reconhecimento e sua forma de prevenção. Visamos ainda quantificar e qualificar os traumas sofridos e verificar até que ponto eles deterioram o aprendizado de uma vítima, visualizando seu comprometimento da capacidade de desenvolvimento tanto social quanto cognitivo.

O estudo é dividido em duas etapas. A primeira é de embasamento teórico, estudos atuais sobre o fenômeno abordado. Já a segunda etapa trata-se da análise de dois casos relacionados ao *bullying* considerados de nível mais leve, o verbal. Por serem consideradas “brincadeiras de criança” é que mais nos preocupam, pois é justamente esse motivo que os leva a se prolongar.

Torna-se imprescindível aos professores e pais a identificação rápida do problema para seu devido tratamento, para que crianças e adolescentes do amanhã não tenham um futuro comprometido.

Este estudo tem como embasamento principal, estudiosos do fenômeno. Traz Cleo Fante, a pioneira desses assuntos aqui no Brasil e suas formas de prevenção e identificação do fenômeno possível tanto para pais quanto para professores. Traça ainda o perfil dos pais de acordo com Oliva, e se sua forma de educar pode ou não influir para que a criança venha a ser um futuro envolvido no fenômeno *bullying*.

Conceito de Bullying

Esse fenômeno recebe em nossa língua a mesma terminologia Inglesa, uma vez que, não temos em nosso léxico palavras que carreguem um significado tão intenso. Ao procurarmos o termo inglês no dicionário Oxford para estudo de brasileiros, encontramos a seguinte explicação: “*Bully* – substantivo ou verbo (p/ *bullies*) – agressor, - ora (esp. na escola) vt (pt, pp. *bullied*) intimidar *bullying* s comportamento agressivo”.

Embora traga consigo a palavra *agressão*, o termo passado ao português realmente não capta seu grau de significância. Segundo Fante (2005, p.28), a palavra foi traduzida apenas em alguns países, sendo conservada em outros, que como no Brasil, não acharam uma tradução eficaz.

De acordo com Fante (2005), *Bullying* é um fenômeno antigo, mas só recentemente chamou a atenção de inúmeros estudiosos por ter se tornado mais comum dentro e fora das escolas. Esse comportamento traz um grau de periculosidade do qual muitos profissionais da área de ensino desconhecem por completo, julgando-o como algo banal e comum entre adolescentes ou crianças.

Tínhamos em *O chiste e sua relação com o inconsciente*, a denominação dada por Freud (1905, p.116), como algo que tem o propósito de hostilizar e desrespeitar a pessoa alvo,

trazendo certa agressividade e sátira. Mesmo com grandes diferenças, não podemos ignorar o fato de que essas condutas antigas já reconhecidas pelo grande psicanalista possam ter sido as precursoras desse fenômeno atual de que são vítimas inúmeras pessoas.

Segundo Rolim (2006, p.58), esse comportamento foi percebido de maneira mais cautelosa, quando autoridades tomaram conhecimento de que a incidência de crianças e adolescentes vítimas de suicídio tinha aumentado consideravelmente. Este fenômeno ainda é considerado por muitos estudiosos como novo, pois é constantemente investigado.

Fante (2005) traz-nos uma definição completa:

Bullying é o conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s), causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento bullying.(p.28).

Esse comportamento é dispensado em lugares onde há relação interpessoal, sendo denominado por Fante (2005, p. 52) como “síndrome social”, porém é no espaço escolar onde ele se intensifica. Os danos causados à saúde mental, tanto da vítima quanto do agressor, podem ser grandiosos. Muitos foram os casos de *bullying* divulgados na mídia, razão pela qual este tema tem estado tão em voga nos últimos tempos. Uma das mais lembradas é a chacina de Columbine, no qual dois adolescentes entraram armados na escola, assassinaram 12 pessoas, incluindo um professor, deixando muitos feridos e se matando em seguida.

Outro caso relevante foi o acontecido aqui no Brasil, em Taiúva, cidade do Rio de Janeiro, no ano de 2003. Um jovem, depois de sofrer muitos anos como *bullied* (vítima de *bullying*), decidiu entrar armado em sua ex-escola no horário do intervalo, vingando-se dos outros alunos, feriu inúmeras pessoas e matou-se em seguida. Um dos maiores problemas com que tinha que lidar era o fato de ser obeso, sendo motivo de sátiras.

Vários são os casos em todo mundo, que chocam pela frequência com que acontecem e principalmente pela quantidade de vidas desperdiçadas. Essa é a questão que nos leva à compreensão do estágio em que se encontraram as vítimas, sendo também preocupante o grau que atingiram os agressores para que atitudes tão drásticas como essas tenham sido tomadas.

Em todos esses casos, o que nos é por demais relevante é o fato de que todas as vítimas tenham premeditado tal crime e seus companheiros de escola eram completamente coniventes, pois sabiam o que iria ocorrer, mas não tomaram nenhuma atitude para mudar esse desfecho.

De acordo com Fante (2005, p. 24), essas vítimas acabam criando o que ela denomina “vírus psíquico” que permite à vítima criar “zonas doentias” na mente, elas têm o poder de aprisionar as emoções e, conseqüentemente, aprisionam o desenvolvimento social da pessoa, impedindo-a de reagir a todo e qualquer tipo de insulto.

Há três tipos de envolvidos no fenômeno *bullying*, afirmam Moreno (2004, p.297) e Fante (2005, p.71): a) Vítimas que se dividem em grupos diferentes, podendo ser consideradas entre: Provocadoras; Passivas; e Agressivas; b) Agressores; e c) Espectadores.

Características dos envolvidos

A chamada vítima provocadora, ou vítima ativa, é aquela que tenta revidar de alguma forma as agressões recebidas, porém nunca surtindo efeito. São consideradas mais frágeis de que seus iguais, caracterizadas como difíceis de lidar devido ao mau gênio, podendo ser hiperativas, chatas e imaturas, e em alguns casos são irritantes. Possuem uma baixa autoestima e constantemente estão deprimidas e angustiadas. Fante (2005, p.72), afirma que esse tipo de criança costuma ser causadora de conflitos em sala de aula.

Moreno (2004, p.296) traz algumas tipologias de crianças e de seus desenvolvimentos. Existem quatro tipos: as “populares”, as “controversas”, as “ignoradas” e as “rejeitadas”.

As “populares” são completamente sociais, não costumam ter atitudes agressivas e são pró-ativas, sendo sempre bem queridas no grupo.

As “controversas” são as que manifestam tanto atitudes positivas quanto negativas, ficam entre as “populares” e as “rejeitadas”. Já esta última por sua vez, são as citadas por Fante (2005, p. 72) anteriormente, pois causam conflitos e têm condutas as quais são temidas pelos seus colegas de classe, sendo “rejeitadas” também pelos adultos e professores.

Por sua vez, as vítimas agressivas são aquelas que têm o costume de descontar a agressividade por elas sofridas em crianças com menor estatura, aquelas que são por elas consideradas mais frágeis. Sendo assim, criam o que podemos chamar de reação em cadeia.

De acordo com Moreno (2004, p. 296), “a agressividade que é percebida pelo grupo como justificada é avaliada pela maioria das crianças de todas as idades como uma conduta aceitável”. O que nos leva a entender a causa da aceitação em que todos se enquadram, já que vêem o fato como desconfortável, porém banal.

Existem ainda as chamadas “crianças ignoradas”, as quais são bem menos sociáveis, não interagindo com os demais, apresentam um alto grau de timidez e normalmente não fazem esforço para serem integradas. Essas crianças costumam possuir um status negativo no grupo, não sendo normalmente aceitas. Podemos ainda denominá-las de outra forma, como sendo a vítima passiva, ou, vítima típica.

Este tipo de vítima se caracteriza pelo fato de serem sempre, como Fante (2005, p.71) diz, tratadas como “bode expiatório”, sofrendo continuamente com a agressividade de seus iguais. São frequentemente vistas brincando sozinhas, excluídas do grupo. Elas têm como perfil também a baixa autoestima, são mais frágeis que os demais, trazem dificuldade de aprendizagem e são completamente sensíveis, sendo talvez esse motivo que explique a grande passividade e aceitação. Fante (2005, p.72) as intitula como “*presas fáceis*”, pois tornam possível o acesso do agressor e tendem a não denunciá-los por medo de represálias.

Já o agressor, grande causador de toda essa reação, apresenta geralmente desestruturas familiares, sejam eles de educação ou afetividade. O prazer do agressor é o trauma que ele causa ao sobrepujar as vítimas, o sentimento de poder que isto lhe transmite. Geralmente é impulsivo, considerado mau-caráter, e completamente intolerante. Não é digno de simpatia, sendo sempre visto como malvado, perverso. É o tipo de criança que pode vir a se tornar um delinqüente futuramente, pois não aceita nenhuma regra e socializa-se com más-influências, aderindo muitas vezes ao uso indevido de álcool e contravenção das regras, como por exemplo, o vandalismo. Tem seu desempenho educacional completamente afetado, possuindo sempre um baixo rendimento escolar.

Outro envolvido que também nos preocupa é o espectador. Este apenas observa o fenômeno causado sem “tomar partido”, pois teme ser igualmente uma nova vítima.

Desconhecem, porém, que já são vítimas, uma vez que, seu ambiente escolar não esteja propício ao aprendizado, tendo assim o rendimento comprometido.

Traçando o perfil dos familiares

Oliva (2004, p.355/356) traça um quadro a respeito do perfil dos pais e que conseqüências podem trazer ao desenvolvimento posterior de seus filhos. De acordo com o autor, há quatro tipos de pais: os democráticos, os permissivos, os autoritários e os indiferentes.

Seguindo o perfil dos pais democráticos, teremos jovens com maior confiança em si mesmos, uma conduta condizente com a que deveríamos esperar de todos, não costumam ser motivo para problemas, têm bom desenvolvimento tanto mental quanto escolar. Estes são considerados os pais ideais, pois conseguem combinar a comunicação com a afetividade que devem dispensar aos filhos, bem como atitudes responsáveis a serem tomadas pelos mesmos.

Ao contrário do que ocorre com pais indiferentes, os quais geralmente terão em seus filhos condutas condizentes com as do agressor acima citado. Jovens com esse tipo de pais provavelmente apresentarão problemas com o uso excessivo de álcool, ou drogas ilícitas, agressividade, baixo desempenho escolar e condutas antissociais, bem como baixa autoestima.

Assim também poderão desenvolver-se os filhos de pais permissivos, cujo controle sobre a conduta do jovem lhes foge, desempenhando papel similar ao de filhos com pais indiferentes.

Por último, temos os pais autoritários, cujos filhos provavelmente se tornarão extremamente obedientes e conformistas, tendendo ao crescerem criar um certo distanciamento dos pais. Há possibilidade de vermos nesse filho a vítima anteriormente citada, uma vez que desenvolve características como baixa autoestima e depressão.

Vemos como é de extrema importância a interação correta entre pais e filhos e de que forma essa mesma interação pode causar danos e extravios de personalidade.

O *bullying* comumente apresenta-se de forma oculta, velada, sendo esse o motivo da difícil percepção dos adultos e profissionais da área para o fato. O não-reconhecimento do fenômeno é um dos maiores causadores de sua incidência, pois não tomando conhecimento do caso, torna-se fácil sua propagação.

Para que essa percepção ocorra, tanto Moreno (2004) quanto Fante (2005) traçam perfis a respeito da conduta comumente tomada pelas vítimas e pelos agressores. E para que sejam mais profícuos, esses perfis são traçados tanto para dentro de casa quanto para o ambiente escolar, podendo ser distinguido entre os professores e os responsáveis de ambos.

Apresentação dos Sintomas da vítima

Parafraseando Dante (2005), os sintomas comuns dentro de casa aos quais os pais devem atentar são:

- ✓ Roupas rasgadas, perda de material, ou materiais estragados;
- ✓ Reações físicas como: perda de apetite, dores de cabeça, ou de estômago e tonturas;

- ✓ Dificilmente têm amigos, nunca trazendo ou indo para casa deles;
- ✓ Perdem interesse pela escola, bem como trabalhos por ela pedidos;
- ✓ Mudam freqüentemente de humor, apresentando repentinamente sinais de irritação, isto quando não estão infelizes e deprimidos;
- ✓ Utilizam-se de caminhos diferentes ou ilógicos todos os dias tanto para a ida quanto para a volta da escola;
- ✓ Têm medo de ir à escola, por isso inventam desculpas para faltar às aulas;
- ✓ Pedem dinheiro emprestado dos familiares, ou furtam para pagar extorsões de seus agressores;
- ✓ Aparecem com contusões e cortes que não têm explicação;
- ✓ Tentam cometer suicídio, e em alguns casos conseguem;

Já na escola os sintomas são relativos às companhias, geralmente apresentam:

- ✓ São sempre vistas sozinhas, excluídas do grupo e das demais crianças;
- ✓ São sempre escolhidas por último para qualquer tipo de brincadeira ou jogo;
- ✓ Possuem grande ansiedade, e temem falar na frente da classe;
- ✓ Possuem rendimento escolar em nível decrescente;
- ✓ São motivos de zombaria e gozação, sendo ridicularizadas ou insultadas, física ou verbalmente;
- ✓ Ausentam-se com maior freqüência do que os demais;
- ✓ Estão sempre aflitas ou angustiadas, algumas vezes chorosas;
- ✓ Preferem a companhia de um adulto;

Os sintomas são gritantes, o que preocupa pelo fato de não terem sido percebidos facilmente. A maioria das crianças sofre o *bullying* dentro da sala de aula e muitas na presença do professor, é o que nos afirma Fante (2005, p. 67), em suas análises feitas através das escolas.

Assim como as vítimas, também são perceptíveis os sintomas nos agressores, dentro de casa essas crianças geralmente:

- ✓ Possuem dinheiro sem origem aparente;
- ✓ Costumam ser hostis, e desafiam os pais;
- ✓ Possuem ar de desdém e superioridade ao regressar da escola;
- ✓ Sentem necessidade de usar a autoridade contra alguém;
- ✓ Não se importam com diferenças de estatura, podendo aterrorizar irmãos mais novos, ou outros mais velhos;
- ✓ Conseguem sair bem de situações embaraçosas;

Já dentro da escola possuem características e sintomas cruéis, é hábito do agressor:

- ✓ Fazer brincadeiras ou gozações sempre de forma desdenhosa;
- ✓ Utiliza-se do que não é seu, roubando os materiais ou dinheiro dos demais;
- ✓ Ridiculariza ou humilha verbalmente outros iguais;
- ✓ Ameaça ou parte para agressões físicas como chutes e pontapés;

Embora possuam grandes diferenças, não podemos negar que vítima e agressor se assemelham em uma única coisa: ambos tiveram sua identidade, ou personalidade, deterioradas. Segundo o site da ABRAPIA (2009), quanto à agressividade nas crianças e o possível engano da agressividade normal ao *bullying*, ela cita:

É comum que as crianças passem por situações na vida, em que se sintam fragilizadas e em decorrência disso tornem-se temporariamente agressivas. Assim, o nascimento de um novo bebê na família, a separação dos pais ou a perda de algum parente próximo podem ser motivo para a mudança repentina no comportamento da criança. No entanto, normalmente, essa "tempestade" aos poucos vai passando e volta a "calmaria". Mas, há casos em que se observa algo diferente: algumas crianças apresentam uma agressividade não apenas transitória, mas permanente. Parecem estar sempre provocando situações de briga. (2009).

A maior preocupação existente para com o agressor é o fato de quebra com todas as regras, ao ponto de chegar à delinquência, podendo futuramente cometer delitos.

Há ainda segundo a ABRAPIA, (2009) outros motivos os quais levam crianças a se tornarem agressoras, algumas delas são: foram acostumadas a terem suas vontades satisfeitas, não aceitando quem não as aceite fazê-las; têm prazer ao se sentirem poderosas; têm dificuldades de relacionamento; sentem-se inseguras; sofrem dentro de casa, sendo vítimas de maus tratos e por isso descontam na escola; foram vítimas de abuso; são humilhadas pelos adultos; são constantemente pressionadas para que obtenham sucessos esperados em todas as suas atividades;

A vítima por sua vez, nos preocupa pelo fato de ter totalmente comprometido seu aprendizado e suas funções psicológicas.

Não obstante, sua capacidade de socializar-se e seu desenvolvimento cognitivo muitas vezes podem deteriorar-se. De acordo com Fante (2005, p.79), a vítima pode trazer distúrbios psicossomáticos, e danos que podem se tornar irreversíveis:

A não-superação do trauma poderá desencadear processos prejudiciais ao desenvolvimento psíquico, uma vez que a experiência traumatizante orientará conscientemente o seu comportamento e a construção de seus pensamentos e de sua inteligência, gerando sentimentos negativos e pensamentos de vingança, baixa auto-estima, dificuldades de aprendizagem, queda do rendimento escolar, podendo desenvolver transtornos mentais e psicopatologias graves, além de sintomatologia e doenças de fundo psicossomático, transformando-a em um adulto com dificuldades de relacionamentos e com outros graves problemas.

De acordo com Lemos (2007, s/p), há duas interferências no aprendizado: as internas e as externas. As internas são aquelas que definem o sujeito, já as externas têm a ver com o meio em que estão inseridos, o ambiente escolar, não só o professor e o aluno, mas tudo aquilo que os envolvem.

Como prevenir o bullying?

Infelizmente não existe erradicação ao problema, o que pode ser feito além do reconhecimento do fenômeno em si, é sua prevenção. Esse reconhecimento tem como intuito solucionar, ou amenizar, os problemas que o *bullying* causa em sala de aula. Para que isso efetivamente ocorra é necessário a mobilização de muitos profissionais, como: professores, inspetores, diretores, coordenadores, responsáveis pela criança em questão, assim como auxílio de ajuda especializada, entre eles estão psicólogos e psicopedagogos. Além é claro de contar com o apoio e o auxílio dos alunos. Este trabalho deve ser realizado passo-a-passo.

O primeiro passo seria fazer uma reunião entre todos os professores para que haja o empenho de todos e para que haja um comprometimento da parte deles no combate ao fenômeno. Devem ser nomeados também coordenadores para esse novo programa.

O segundo passo seria a identificação dos alunos envolvidos. Para que a identificação seja possível, é preciso que haja a real confissão. Para cada sala de aula deve haver o que Fante (2005, p.99), nomeia como “professores tutores”, esses professores é que deverão ser incumbidos de tal ato. Os escolhidos deverão ser aqueles que se dêem melhor com a sala, ou passe mais tempo nelas.

Uma das idéias é que os professores passem aos seus alunos temas de redação com títulos parecidos com: “minha vida escolar” e “minha vida familiar”. O intuito da redação é fazer com que primeiro anonimamente, depois já escrevendo o próprio nome o aluno agredido assuma sua verdadeira realidade no dia a dia, e até mesmo cite onde com maior frequência isso ocorre. Os professores poderão contar com a ajuda de outros alunos que serão solidários para a ajuda da identificação. Localizados os possíveis envolvidos no fato, apenas com certos indícios (pois nem sempre ambos confessam), é necessário que agora o professor tutor marque uma entrevista. Ela deve seguir um roteiro, começando sempre o agressor e passando por último pela vítima. As entrevistas podem ser feitas tanto pelo próprio professor tutor, quanto por um especialista, por isso é tão necessária a parceria com profissionais capacitados. Para as idéias de intervenção, é preciso que a escola conscientize os pais do ocorrido, pois dessa forma estarão atentos aos comportamentos do filho.

O ideal é que ela disponibilize para todos manuais sobre a conscientização do *bullying*, da violência. Podem como alicerce criar um serviço de denúncia que terá como apoio os alunos solidários. Assim, com o apoio de todos, esse fenômeno pode completamente diminuído das escolas.

Análise do corpus

Os métodos utilizados foram os de depoimentos, observações e conversas com estilo de entrevistas, porém de forma bem menos formal, para que possibilitasse a vítima compartilhar sua experiência vivida sem se constranger com o fato.

Os sujeitos de pesquisa não terão seus nomes revelados por questões de ética e exposição, portanto, serão tratados aqui como sujeito 1, ou sujeito 2.

As duas vítimas compartilham da mesma idade, mas se formaram em épocas diferentes e estudaram em escolas distintas, sendo uma de escola particular e outra de escola pública.

Sujeito 1: a aluna referida pertencia a uma escola privada do estado de São Paulo e começou a sofrer do fenômeno *bullying* quando ingressou no sexto ano do ensino fundamental. Seus problemas não foram relacionados à agressão física, mas foram relacionados ao *bullying* considerado mais leve, o verbal, porém o que mais viola o ser humano. A vítima em questão, sofreu mais com as ameaças por ter mudado de período, ela estudava à tarde e passou para o período da manhã. Ao entrar em um ambiente desconhecido, ela foi vítima de inúmeras agressões. Ela relata que certa vez fazia um trabalho em grupo, quando acabou ficando doente, mesmo assim, fez o trabalho em casa e entregou-o à colega de grupo para que o levasse à professora; entretanto descobriu ao retornar, que seu trabalho não continha mais o seu nome; ela havia sido excluída e ficado sem nota, ela reclamou com a professora o que não resolveu muito. Além desse episódio muitos outros ocorriam à nossa vítima. Ela era sempre ignorada para a escolha de qualquer trabalho em grupo, além disso, os meninos tinham o costume de jogar-lhe giz e constantemente ficava isolada dos outros no intervalo, pois nessa época não possuía amigos.

Seus pais mudaram de São Paulo para uma cidade do interior. Esse período, relata a vítima, foi bem pior, a vítima considerava-se na época “gordinha”, o que fez com que não só os meninos implicassem com ela, como também as meninas. Elas tinham o costume de segui-la, e ainda a alcunhavam com apelidos nada animadores, como “bizão”, ou ainda, “touro”, entre outros xingamentos.

Certa vez, sua mãe chegou a ir até a escola para conversar com a diretora, mas não funcionou. Realmente só surtiu algum efeito, quando depois de uma consulta médica, sua mãe descobriu que sua pressão arterial estava 16x10, ela resolveu conversar com a coordenadora e a situação melhorou.

Finalmente, depois de seis longos anos sofrendo com o fenômeno *bullying*, é que alguém tomou alguma atitude a seu favor. O tratamento dispensado à vítima ocorria também dentro da sala de aula, e na presença de professores, alguns a ajudaram quanto puderam, mas não de todo. Ela passou da sexta série do ensino fundamental à terceira série do ensino médio sofrendo com o tratamento e fazendo acompanhamento psicológico.

Sujeito 2: a segunda vítima, por sua vez, traz grandes problemas de socialização, e possui um histórico familiar um pouco conturbado, freqüenta escola pública, diferentemente da anterior. Sua mãe tem cerca de 38 anos, e sofre de esquizofrenia, não podendo cuidar dos filhos muito bem e é a avó quem assume o papel de mãe. A irmã da vítima também sofre da mesma doença, e tem uma capacidade mental de uma criança de oito anos de idade. Ela e sua irmã mais nova não tiveram a doença, porém sempre sofreram muito preconceito devido a isso. A irmã fugiu com o namorado há poucos anos o que deixou a vítima muito fragilizada, pois eram muito ligadas. A outra irmã deixou de comparecer à escola devido aos problemas e às gozações que estes lhe traziam. A vítima possui a família toda desestruturada e por esse motivo é frágil, sendo muito sensível a todo e qualquer tipo de insulto. Não possuía pai e quando o descobriu ele não a quis, o que a levou a sentir-se rejeitada uma vez mais. Na escola, seu desempenho não é dos melhores, tira sempre notas muito baixas, é sempre isolada, ou excluída. Sua única amiga era uma prima da cidade em que morava. Aqui não possui amigo algum, a não ser quando tem de fazer trabalhos em grupo, o que ela relata detestar, pois tem

problemas para se relacionar, e muitas vezes tem o costume de fazer o trabalho todo sozinha, usada como “bode expiatório”. E o pior ainda não é isso, ela também, como o sujeito 1, tem seu nome excluído do trabalho e às vezes fica sem nota em decorrência desse fato.

Não reclama com a professora o fato ocorrido, pois tem medo de represálias das meninas da sala, e esporadicamente conta a sua avó o que ocorre, sendo assim, nem sempre ela pode tomar alguma atitude. Muitas pessoas a julgam com problemas iguais aos da irmã, por possuir um jeito muito quieto, pois é extremamente tímida.

Uma professora eventual, certa vez declarou acerca da vítima, que alguns alunos tentam socializá-la, ou tentam inseri-la no grupo, mas o problema é que o que as outras alunas vivenciam no momento (“namorados e ficantes”) é diferente da realidade da vítima e não encontrando assunto para conversar por estar fora desse ambiente social, mas uma vez ela é relegada, tornando a uma vez mais excluída. Algumas vezes ela também tenta se impor na sala, pois gosta de aprender. Às vezes precisa tirar suas dúvidas e quando tenta fazê-lo em sala, começam gargalhadas e risinhos que a impedem de continuar. É faltosa, e raramente sai de casa.

Houve um episódio de grande importância por mim presenciado, envolvendo o fenômeno *bullying* e a vítima. Como não conseguia compreender certa matéria, ela veio ter aulas em um programa gratuito aos fins de semana. Seu horário com o professor não era definido, de maneira que ocorria no momento em que ele assim o desejasse. Ao adentrarmos a escola ela já estava lá e, muito timidamente, nos cumprimentou.

Começamos a fazer artesanato (eu e mais uma ajudante do mesmo programa), com duas meninas, uma de oito e outra de dez anos (elas se enquadram no caso de vítimas “rejeitadas” citadas anteriormente), quando o professor foi dar-lhe a aula, já passava e muito do horário em que a vítima havia chegado. Eles começaram a aula e ela não conseguia compreender a matéria de matemática, foi quando a garota que fazia artesanato conosco, a de oito anos, berrou em alto e bom tom para que ela ouvisse que ela era “burra, e não sabia somar dois mais dois”.

No mesmo instante corrigimos a garota que havia feito a ofensa, principalmente para que refletisse sobre aquilo que estava falando, pois aparentemente não tinha consciência do grau que atingira, e das conseqüências que isto causa para quem o ouve.

A vítima terminou de fazer o trabalho pelo professor pedido e foi entregar-lhe, este conversava com um amigo e não a percebeu. Ela, sem mais agüentar caiu no pranto, e nós fomos ao seu encontro acudi-la. Lá chegando, ela nos disse seu nome e afirmou ser realmente “burra”, pois não conseguia aprender. Felizmente, a outra ajudante de artesanato sabia bastante da matéria e foi ajudá-la, o que ela aprendeu em cinco minutos.

A partir deste dia, percebemos como era importante incluí-la no grupo, socializá-la com os demais, fazendo com que essa integração tornasse algo comum em sua vida. Ela passou a participar de todos os cursos por nós dados, sempre ajudando quem tivesse dificuldade de aprender. Conseguimos fazê-la se soltar mais, até mesmo ao ponto de trazer sua irmã, que quase não saía de casa, para fazer artesanato conosco. Mas, infelizmente nossos encontros só ocorriam aos fins de semana, de maneira que no meio de semana tinha que conviver na escola com o *bullying*, o que lhe era extremamente difícil.

Nosso trabalho na tentativa de socializá-la era contínuo, pois ela já havia sido afetada demais pelo fenômeno *bullying*. Sua avó veio conversar conosco e disse-nos que até aquele momento sua neta estava bem mais solta. Prestava maior atenção nas coisas, não estava tão deprimida, pois ela sofre de depressão, conseguia sair de casa, coisa que não lhe era rotineiro. Muitas vezes seu avô andava pela cidade procurando-a, pois ela passava o dia inteiro conosco e às vezes esquecia-se de avisar. Infelizmente, veio o problema da gripe H1N1, e tivemos que

nos afastar de tudo repentinamente. O que lhe causou problema, pois, ao regressar a escola estava mais retraída.

Certa vez, quando estava repondo aula, disse-nos que só se encontrava naquele espaço, porque sabia que estaríamos nele, caso contrário, não teria ido. O grande problema foi o fato de que ela não achou em nós sua salvação, (já que era nisso que acreditava), mas não conseguia passar isso ao seu dia a dia, ela agarrou-se apenas como válvula de escape de sua realidade.

Ocorreu um dia, uma brincadeira de mau gosto relacionado à minha touca, mas eu levando o fato como apenas uma brincadeira como qualquer outra, apenas respondi a quem falava que não me importava com a opinião alheia (no caso a dela), mesmo que a outra pessoa a achasse feia. A vítima ao ouvir a resposta daquilo que ela considerou como uma agressão verbal, adorou-a, pois alguém tinha feito aquilo que ela desejava fazer a seus agressores, mas não conseguia.

Ela está na última série do ensino médio, e continua a sofrer com o problema do *bullying*. Sua avó toma medidas, mas elas não adiantam. O maior problema de todos é o fato de que tanto seu desenvolvimento social, quanto cognitivo, foram afetados por isso.

Resultados e discussão

De acordo com o que já havíamos visto anteriormente, ambas as vítimas enquadram-se na tipologia de crianças “ignoradas”, citadas por Moreno (2004), ou as famosas vítimas típicas, passivas.

O sujeito 2, deixa bem claro que tem medo dos agressores, e teme denunciá-los, como Fante (2005) costuma citar, essas vítimas têm medo de represálias, ao que o próprio sujeito confirma.

Ambas são extremamente sensíveis, outra grande característica. Possuem baixa autoestima, o que as faz se sentirem diferentes ou “menores” perante aos demais. O sujeito 1, considerava-se “gordinha” na época, já o sujeito 2, achava-se feia.

Moreno (2004, p.299), afirma que para a aquisição de status em um grupo, inúmeros fatores contam, um deles é a competência social, outro é sua “aparência física”. De acordo com observações feitas pela mesma, o que se subentende é que as crianças ligam, automaticamente, aquilo que consideram bonito como se fosse algo bom, deixando de lado aquilo que consideram não ser tão bom assim. De forma que, esse aspecto pese na aceitação ou não da criança no grupo. Por mais que duas crianças possuam competências semelhantes, o que pesará no final será seu atributo físico. O que sabemos ser grande equívoco, pois não é a aparência que define o caráter, ou a personalidade.

Nessa fase de aquisição, ainda contam certos comentários feitos anteriormente a respeito de família, credo, etc; criando assim às crianças portadoras de qualquer tipo de problema, seja no âmbito social, ou familiar, um estigma antes mesmo de seu ingresso na escola.

Foi o que ocorreu com o sujeito 2, sendo criticada por ser comparada aos problemas tanto de sua mãe, quanto de sua irmã, foi estigmatizada, tendo de antemão efeito negativo para obtenção de um grupo.

Moreno (2004, p. 301/302), traz-nos a assertiva de que as crianças “ignoradas”, fazem um quadro diferente das “rejeitadas”, esta última quando não aceita devido ao seu status negativo de agressora, impõe-se ao grupo, mesmo que não sendo bem querida. Já a

“ignorada”, além de não se afirmar no grupo, terá com isso conseqüências de aprendizado catastróficas.

Devido à sua exclusão, o que ocorrerá será como um ciclo vicioso, em que ela recebe a rejeição dos iguais e com isso não consegue ter contatos sociais, ou exclui-se deles, e cria menos oportunidades para aprender, o que Moreno (2004, p.302) denomina com “novas habilidades sociais”, e com isso não se desenvolve, continuando a ter como resultado baixa competência social isto tudo fará com que ela seja rejeitada novamente e assim consecutivamente, como em um círculo que não se sabe onde começa, ou termina, sendo completamente difícil sua interferência.

Algumas vezes, o que ocorre à vítima é o fato de ela se achar merecedora de toda essa negatividade, sua auto-estima está tão baixa que ela não se sente autorizada a certas coisas, como por exemplo, o ato de aprender. O efeito do *bullying* na aprendizagem foi identificado por Lemos (2007) como interferências internas e externas.

Como foi falado no capítulo anterior, o sujeito 2, apresenta características de baixo rendimento escolar, à luz da explicação dada por Lemos, conseguimos enfim compreender o que se passa em seu meio escolar, para que impossibilite sua aprendizagem contínua. O ambiente no qual está inserida não a permite desenvolver muito bem seu senso cognitivo, pois não é propício ao seu aprendizado.

É justamente nesta fase, entre o fim do ensino fundamental e sua transição ao ensino médio, que os professores, segundo Moreno (2004, p.302), têm menos capacidade de ter qualquer contato com os alunos individualmente, não podendo dar o apoio necessário ou supervisionar suas atitudes. Se o sujeito em questão não tem possibilidade de aprender quando está fora da escola, por não possuir contexto social, é nesse situação em que muitos acabam evadindo da escola.

Exatamente o que ocorreu com o sujeito de pesquisa 2, algumas vezes tem o hábito de faltar dias seguidos na escola, não abandonando completamente os estudos pela persistência da avó para sua permanência até o término. O mesmo que ocorreu com o sujeito 1, cujas ausências eram também justificadas pela sua estadia na enfermaria da escola, devido às inúmeras vezes que sua pressão subia por causa das ameaças que lhe faziam.

Não há como ignorar os sintomas físicos que a mesma apresentava. Tinha sucessivas dores de cabeça, principalmente devido a sua pressão alterada, o que ocorria com mais freqüência no meio das aulas, ou depois das mesmas. Também tinha algumas dores de estômago, e perda de apetite. O que é bem incomum é o fato da vítima continuar tendo interesse pela escola, sendo incentivada a participar de balés na instituição, costumava ficar participando de disciplinas extracurriculares até tarde, permanecendo muito tempo depois do término da aula. Diz ela que esse era seu refúgio, quando ela podia fazer aquilo de que gostava.

Além desse, outros sintomas lhe eram muito comuns, como por exemplo, os inúmeros citados por Fante (2005) e Moreno (2004), nos quais a vítima em questão se enquadrava em quase todos. Ela relata que costumava constantemente chegar com roupas rasgadas, pois os meninos de sua escola tinham o costume de destruí-las. Em outros casos, tinha perda de materiais, ou ainda, chegava com materiais estragados. Nesse ponto, sempre reclamou com os pais, tinham conhecimento do que a filha passava, mas nem sempre resolvia. Não tinha muitos amigos, ou se tinha não permaneciam tempo suficiente ao seu lado nos intervalos.

Em conversa, conta a vítima, que inúmeras vezes se via obrigada a seguir por caminhos ilógicos, aqueles citados por Fante (2005), certa vez chegou a dar quatro voltas no quarteirão inteiro, pois os meninos a estavam perseguindo e ela não encontrava outra solução senão fugir deles, tentando despistá-los através das inúmeras voltas. Isso lhe ocorria

principalmente quando retornava para casa, mas afirma a vítima não era devido ao fato de desconhecerem onde morava, pois isto eles sabiam, era por prazer mesmo. Enquanto o fazia, era comum escutar insultos diversos, até que eles se cansavam e iam embora, e ela nunca lhes revidava.

Quanto a esse aspecto, Fante (2005) nos diz que “O medo constante e repetitivo bloqueia a agressividade e o bom funcionamento mental, prejudicando as funções de raciocínio, abstração, interesse por si mesmo e pelo aprendizado, além de estender-se a outras faculdades mentais ligadas a autopercepção, concentração, auto-estima e capacidade de interiorização”. (p. 24).

Freqüentemente, possuía medo de ir à escola, e algumas vezes inventava desculpas para ausentar-se. Felizmente ela revela que por mais angústia, depressão ou sentimento de inferioridade que pudesse ter, jamais pensou em suicídio, pois tem muito amor à vida.

Até hoje, sente certa dificuldade de falar em público, também devido a sua grande timidez. Anseia demais qualquer trabalho a ser apresentado e não tem, ou tinha, costume de perguntar caso não entendesse a matéria, dava outro jeito para seu entendimento, não possuindo assim baixo rendimento.

Sempre foi chorosa, o que a fez procurar ajuda especializada de psicólogos. E sempre preferiu a presença de adultos, no que o sujeito 2 também concorda.

A vítima 2 também possui pensamentos por demais negativos, tende a lutar constantemente contra depressão. Muitas vezes, ocorrem-lhe atitudes suicidas inconscientes, como por exemplo, atravessar na frente de carros, ou na ponta de viadutos movimentados. Sua avó não costuma permitir sua saída quando nota que sua percepção está fragilizada.

Estas conseqüências, infelizmente, não se revelam apenas dentro das escolas, ou no período de vida em que a freqüentam as vítimas, são conseqüências que marcarão durante todo o resto da vida dos envolvidos. Segundo a ABRAPIA, pode ocorrer em longo prazo tais fatos relacionados à vítima:

As crianças que sofrem BULLYING, dependendo de suas características individuais e de suas relações com os meios em que vivem, em especial as famílias, poderão não superar, parcial ou totalmente, os traumas sofridos na escola. Poderão crescer com sentimentos negativos, especialmente com baixa auto-estima, tornando-se adultos com sérios problemas de relacionamento. Poderão assumir, também, um comportamento agressivo. Mais tarde poderão vir a sofrer ou a praticar o BULLYING no trabalho (Workplace BULLYING). Em casos extremos, alguns deles poderão tentar ou a cometer suicídio. (2009).

Os problemas enfrentados pelo sujeito 2 com relação à socialização, são barreiras muito difíceis de serem transpostas, porém não impossíveis de serem superados. Com o pouco tempo de trabalho, notável foi sua melhora. Mas a intervenção deve ser sempre contínua, uma vez que esse desenvolvimento esteja deteriorado demais.

Sua avó não crê em sua possibilidade de lidar com o mercado de trabalho, ainda mais com as competições que nele ocorrem. As relações interpessoais lhe são completamente difíceis. Alguns dos comentários que consideraríamos normais, por serem dicas de como se “arrumar melhor”, ou “tipos de roupas que lhe caem bem”, não são aceitas por ela, pois devido às inúmeras gozações, ela crê tratar-se de mais uma. Ou ainda, acredita que todos vêm defeitos apenas nela, por ser extremamente sensível.

A vítima 1, ao que consta, parece ter pais de certa forma democráticos, rígidos apenas com relação à sua educação. Expectativas relacionadas apenas ao seu aprendizado, o que os exclui do quadro típico de pais para vítimas passivas.

Já a vítima 2, tem em seus avós dois perfis de pais. A avó sempre mais permissiva, apenas algumas de suas atitudes mostram-na um pouco autoritária, devido ao tratamento do avô que lhe é dispensado, pois o este é um tanto quanto autoritário, essa constatação partiu apenas de observações feitas através do tratamento entre ambos.

De forma que possam surgir divergências entre as duas tipologias de pais, não se sabe ao certo qual deles realmente comanda na hora de educar, e a que modelo exato o sujeito 2 é mais fiel ao seguir.

De acordo com Lemos (2007, não paginado), “a escola e a família, portanto, são, efetivamente, contribuintes e definidores do desenrolar saudável ou do fracasso da aprendizagem”. Ou seja, a família também faz parte da aprendizagem externa que pode influir o processo de aprendizagem, assim como a escola também pode, sendo possível que as mesmas causem bloqueios a ponto de impedir que esse processo seja feito corretamente. Através das duas análises acima feitas, podemos notar quão difícil torna-se a vida de uma vítima, e quão mais difícil ainda torna-se sua convivência com todos esses traumas.

Considerações finais

Os problemas causados pelo fenômeno *bullying* como podemos ver tão claramente, podem não ser erradicados, pois a violência infelizmente continuará a existir, mas podem ao menos ser minimizados.

Unindo-nos com pais e coordenadores para a identificação de sintomas e tentativas de buscar a paz e entendimento entre os escolares. É esta soma de conjunto que torna o produto final possível. Então façamos a nossa pequena parte e talvez tenhamos menos suicídios, ou massacres. Façamos a nossa parte e talvez tenhamos índices menores de criminalidades juvenis.

É dever não do professor, mas do ser humano ajudar outro quando este estiver em perigo, ou causar perigo aos demais. Não é nossa intenção mudar o mundo, até porque seria um tanto inviável, mas pequenas atitudes podem mudar o decorrer de uma ou mais vidas, podemos fazer diferença se identificarmos o fenômeno a tempo, se tivermos capacidade para discerni-lo.

Referências

- FANTE, C. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência e educar para a paz**. Verus Ed. Campinas-SP. Ed. 2, 2005.
- FREUD, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. In: Obras completas de S. Freud. p. 3-180. Delta Ed. SP.1959
- GUIMARÃES, M. **Bullying na escola: uma ameaça à missão de educar**. Revista Linha Direta, 129, 2008.
- LEMOS, A.C.M. **Uma visão psicopedagógica do bullying escolar**. Revista psicopedagogia, 24 (73), 68-75, 2007
- MORENO, M.D.C. **Desenvolvimento e conduta social dos seis anos até a adolescência**. In: Desenvolvimento psicológico e educação. S.A Ed. 2004.
- OLIVA, A. **Desenvolvimento social durante a adolescência**. In: Desenvolvimento psicológico e educação. S.A Ed. 2004.
- PROGRAMA de redução do comportamento agressivo entre estudantes. ABRAPIA. Disponível em:< [http:// www.abrapia.com.br](http://www.abrapia.com.br)>. Acesso em 08/10/2009.
- ROLIM, M. **Violência nas escolas-Anotações sobre o Bullying e invisibilidade**. Revista Ciência em movimento, 16 (430), 55-66, 2006.

